

Josie Silver

Um Dia de Dezembro

Uma história de amor natalícia

Tradução
Inês Castro

 Planeta

Para James, Ed e Alex com amor

2008

21 de Dezembro

Laurie

É um milagre que quem usa os transportes públicos no Inverno não caia para o lado e morra de sobrecarga de germes. Nos últimos dez minutos levei com uma série de tosses e espirros e, se a mulher à minha frente sacudir outra vez a sua caspa para cima de mim, ainda a encharco com o resto do café morno que já não consigo beber porque está cheio do couro cabeludo dela.

Estou tão cansada que podia dormir aqui mesmo no andar de cima deste autocarro oscilante e cheio a abarrotar. Graças a Deus que já terminei o meu trabalho neste Natal, porque não creio que o meu cérebro ou corpo conseguissem aguentar nem mais um turno atrás daquele horrível balcão de recepção do hotel. Poderá estar enfeitado com fitas e luzinhas bonitas do lado do cliente, mas, passando para trás da cortina, é um inferno desumano. Estou praticamente a dormir, mesmo quando estou acordada. Estou mais ou menos a planear hibernar até ao ano que vem mal chegue, amanhã, à nostálgica familiaridade da casa dos meus pais. Há qualquer coisa de tranquilizadora distorção espaço-tempo em partir de Londres para um interlúdio de pacata vida de aldeia nos Midlands, no quarto da minha infância, mesmo que nem todas as minhas recordações de infância sejam felizes. Até as famílias com laços mais íntimos têm as suas tragédias e é justo dizer que a nossa chegou cedo e feriu fundo. Não vou remoer nisso, no entanto, porque o Natal devia ser uma época de esperança e amor e, mais apelativo do que tudo neste momento preciso, de sono. Sono, intercalado com acessos de ingestão

competitiva de comida com o meu irmão, Daryl, e a sua namorada, Anna, e com toda a gama de filmes natalícios pirosos. Porque como é possível fartarmo-nos de ver um tipo qualquer desgraçado ali ao frio e a mostrar em silêncio cartazes a declarar à mulher do seu melhor amigo que o seu coração devastado a amará para sempre? Embora... isso é romantismo? Não tenho tanta certeza. Quer dizer, *meio* que é, de uma forma sentimentalóide, mas o tipo está também a ser o pior amigo do planeta.

Desisti de me preocupar com os germes aqui dentro, porque já ingeri, sem dúvida, os suficientes para me matar se tiver que ser, por isso encosto a testa à janela embaciada e vejo Camden High Street deslizar numa cintilação de luzes natalícias e montras brilhantes e abafadas de lojas a vender tudo desde casacos de pele a lembranças foleiras de Londres. Mal são quatro da tarde, porém o crepúsculo já cai sobre Londres; creio que não houve luz nenhuma durante o dia de hoje.

O meu reflexo diz-me que devia se calhar tirar do cabelo a meia auréola reluzente e de mau gosto que a estúpida da minha gerente me obrigou a usar, porque parece que estou a prestar provas para ser o anjo Gabriel numa cena de Natal de uma escola primária, mas acho que não me vou dar a esse trabalho. Mais ninguém neste autocarro liga meia; não o homem molhado de anoraque ao meu lado a ocupar mais do que a sua metade do assento e a passar pelas brasas com o jornal de ontem aberto, nem o punhado de miúdos da escola a gritar uns para os outros nos bancos lá de trás e não com certeza a mulher da caspa à minha frente com os seus brincos brilhantes em forma de flocos de neve. A ironia da sua escolha de jóias não me passa despercebida; se eu fosse mais sacana, poderia dar-lhe uma palmadinha no ombro para a avisar que está a chamar a atenção para a tempestade de neve de pele que deposita a cada sacudidela da cabeça. Mas não sou sacana; ou talvez seja uma sacana calada dentro da minha cabeça. E não o é toda a gente?

Caramba, quantas paragens mais vai este autocarro fazer? Ainda estou a uns quilómetros do meu apartamento e já está mais cheio do que um camião de gado em dia de mercado.

Anda lá, penso. Mexe-te. Leva-me para casa. Embora casa vá ser um lugar bastante deprimente agora que a minha colega de apartamento,

Sarah, já foi para casa dos pais. Só mais um dia e depois também saio daqui, recordo-me.

O autocarro pára com um solavanco no fim da rua e observo, lá em baixo, uma torrente de pessoas a atropelar-se para sair, ao mesmo tempo que outras tentam abrir caminho para entrar. É como se pensassem que é uma dessas provas para ver quantas pessoas se conseguem encaixar num espaço pequeno.

Está um tipo empoleirado num desses assentos rebatíveis no abrigo da paragem de autocarro. Não pode ser o autocarro dele, porque está absorto no livro de capa dura que tem nas mãos. Reparo nele porque parece alheado da confusão e empurrões a acontecer ali mesmo à sua frente, como um desses efeitos especiais nos filmes em que alguém está parado e o mundo roda em caleidoscópio em volta, ligeiramente desfocado.

Não lhe consigo ver o rosto, só o topo do cabelo cor de areia, cortado um pouco comprido e, imagino, dado a criar ondas quando cresce. Está entrouxado num jaquetão de lã azul, tipo marinheiro, e num cachecol que parece que alguém poderá ter tricotado para ele. É *kitsch* e inesperado, tendo em conta a sofisticação do resto do seu traje, calças de ganga justas e escuras e botas, e está muitíssimo concentrado no livro. Semicerco os olhos a tentar baixar a cabeça para ver o que ele está a ler e limpo a janela embaciada com a manga do casaco para observar melhor.

Não sei se é o movimento do meu braço no vidro ou o cintilar tremeluzente dos brincos da mulher da caspa que capta a visão periférica dele, mas ergue a cabeça e pestaneja algumas vezes a focar a sua atenção na minha janela. *Em mim.*

Fitamo-nos a direito um ao outro e não consigo afastar o olhar. Sinto que os meus lábios se mexem como se fosse dizer alguma coisa, sabe Deus o quê e, de repente, do nada, preciso de sair deste autocarro. Acomete-me a necessidade esmagadora de ir lá para fora ter com ele. Mas não o faço. Não mexo um músculo, porque sei que não existe o raio de qualquer hipótese de conseguir passar pelo homem do anoraque ao meu lado e abrir caminho pelo autocarro apinhado antes de este começar a andar. Por isso, tomo a decisão, numa fracção de segundo, de ficar pregada ao meu lugar e tentar levá-lo a ele a subir para o autocarro usando apenas o desejo ardente e desesperado nos meus olhos.

Ele não é atraente como uma estrela de cinema ou de uma perfeição clássica, mas tem um ar de desalinho queque e um *charme* franco de «quem eu?» que me cativa. Não lhe consigo discernir bem a cor dos olhos daqui de cima. Verdes, diria, ou talvez azuis?

E a questão é esta. Chamem-lhe optimismo exagerado, mas tenho a certeza de que vejo o mesmo raio atingi-lo também; como se o ziguezague invisível de um relâmpago nos tivesse inexplicavelmente unido. Reconhecimento; choque puro, eléctrico, nos seus olhos arredondados. Ele tem algo parecido com uma reacção tardia, o tipo de coisa que se poderia fazer quando avistamos por coincidência o nosso melhor e mais antigo amigo que não vemos há que séculos e não conseguimos acreditar que ali esteja.

É um olhar de *Olá tu aí* e *Oh, meu Deus, és tu e Nem acredito como é bom ver-te outra vez*, tudo ao mesmo tempo.

Os olhos dele dardejам para a fila decrescente ainda à espera de embarcar e depois outra vez para mim e é como se lhe ouvisse os pensamentos a acelerar pela cabeça. Está a pensar se será uma loucura entrar no autocarro, no que diria se não estivéssemos separados pelo vidro e a chusma de pessoas, se se sentiria tolo a subir as escadas a dois e dois para vir ter comigo.

Não, tento transmitir-lhe. Não, não te sentirias tolo. Eu não te deixaria sentir. Entra mas é no raio do autocarro, vá lá! Ele está a olhar para mim e depois um sorriso lento insinua-se-lhe na boca generosa, como se não conseguisse contê-lo. E eu devolvo-lhe o sorriso, quase zozna. Também não o consigo evitar.

Por favor, entra no autocarro. Ele reage, tomando uma decisão súbita, fecha o livro com brusquidão e enfia-o na mochila que tem entre os tornozelos. Está a andar agora e sustenho a respiração e pressiono a palma da mão no vidro, incitando-o a apressar-se, quando ouço o rangido doentio das portas a fecharem-se e a guinada do travão de mão a ser destravado.

Não! Não! Oh, meu Deus, não te atrevas a afastar-te desta paragem! É Natal!, apetece-me gritar, mas o autocarro entra no trânsito, ganha velocidade e, lá fora, ele fica ali ofegante na estrada a ver-nos partir. Vejo a derrota apagar-lhe a luz dos olhos e, porque é Natal e porque acabei

de me apaixonar irremediavelmente por um desconhecido numa paragem de autocarro, sopro-lhe um beijo desolado e pouse a testa no vidro, observando-o até ele desaparecer de vista.

Então percebo. Merda. Por que não imitei o rapaz desgraçado e escrevi qualquer coisa para lhe mostrar? Podia ter feito isso. Podia até ter escrito o número do meu telemóvel na condensação. Podia ter aberto o vidro minúsculo e gritado o meu nome e morada ou algo assim. consigo pensar num certo número de coisas que podia e devia ter feito, porém, na altura, nenhuma delas me ocorreu porque não conseguia tirar os olhos dele.

Para os mirones, deve ter sido um filme mudo de sessenta segundos digno de um Oscar. De agora em diante, se alguém me perguntar se já me apaixonei à primeira vista, direi que sim, durante um minuto glorioso a 21 de Dezembro de 2008.

2009

Resoluções de Ano Novo

Apenas duas resoluções este ano, mas duas resoluções grandes, reluzentes e fantásticas.

- 1) Encontrá-lo, o meu rapaz da paragem de autocarro.
- 2) Encontrar o meu primeiro emprego a sério numa revista.

Raios. Quem me dera tê-las escrito a lápis, porque apagava-as e trocava-as. O que gostaria, idealmente, era encontrar primeiro o cargo espectacular numa revista e depois esbarrar com o *Rapaz do Autocarro* num café, quando tivesse qualquer coisa saudável na mão para o almoço e ele derrubava-a por acidente dos meus dedos e depois erguia os olhos e dizia: «Oh. És tu. Por fim.»

E depois esquecíamos o almoço e íamos antes dar uma volta no parque, porque teríamos perdido o apetite, mas encontrado o amor das nossas vidas.

Bem, é isso. Desejem-me sorte.

20 de Março

Laurie

– É ele? Tenho a certeza que senti ali mesmo agora umas cenas de autocarro.

Sigo a direcção do aceno de cabeça de Sarah e varro os olhos a todo o comprimento do movimentado bar de noite de sexta-feira. É um hábito que adquirimos sempre que vamos a qualquer lado; perscrutar rostos e multidões à procura do «rapaz do autocarro» como Sarah o baptizou quando comparámos as nossas impressões de Natal em Janeiro passado. As festividades da família dela em York pareciam ter sido uma coisa muito mais estridente do que as minhas aconchegantes e repletas de comida em Birmingham, mas tínhamos ambas regressado à realidade do Inverno em Londres com a melancolia do Ano Novo. Lancei o meu dramalhão de «amor à primeira vista» para o cantinho da autocomiseração e, a seguir, desejei logo não o ter feito. Não é que não possa confiar a minha história a Sarah; é mais porque, a partir daquele segundo, ela ficou ainda mais obcecada em encontrá-lo do que eu. E eu estou discretamente a enlouquecer por ele.

– Qual deles? – Franzo a testa para o mar de pessoas, sobretudo partes de trás de cabeças desconhecidas.

Ela enrugando o nariz e tenta resolver como identificar o tipo dela para meu escrutínio.

– Ali, no meio, ao lado da mulher de vestido azul.

Detecto-a a ela com mais facilidade; a cortina muito direita de cabelo de um loiro-esbranquiçado reflecte a luz quando atira a cabeça para trás e se ri para o tipo ao lado.

Ele tem mais ou menos a altura certa. O cabelo parece semelhante e existe uma familiaridade surpreendente na linha dos ombros da sua camisa escura. Poderia ser qualquer um, mas poderia ser o *Rapaz do Autocarro*. Quanto mais olho para ele mais certeza tenho de que a busca terminou.

– Não sei – digo, sustendo a respiração, porque é o mais perto que já chegámos.

Descrevi-o tantas vezes, que Sarah se calhar sabe melhor do que eu qual é o seu aspecto. Quero aproximar-me mais. De facto, creio que já comecei a aproximar-me, mas depois a mão de Sarah no meu braço aquietou-me, porque ele acabou de inclinar a cabeça para beijar o rosto da loira, que se torna de imediato a minha pessoa menos favorita no planeta.

Oh, meu Deus, acho que é ele! Não! Não é assim que isto devia acontecer. Simulei variantes desta cena todas as noites quando fecho os olhos e nunca, repito *nunca*, termina desta maneira. Às vezes ele está com uma série de tipos num bar, outras vezes sozinho num café a ler, mas o que nunca acontece é ele ter uma namorada com quem se põe na marmelada muito colado à sua vida de loira reluzente.

– Merda – resmungo Sarah entredentes, comprimindo-me o copo de vinho na mão.

Observamos o beijo que se prolonga. E prolonga. Puxa, estas pessoas não têm limites? Ele está agora a apalpar-lhe muito o traseiro, excedendo o comportamento aceitável para um bar movimentado.

– Decência, pessoal – protesta Sarah. – Afinal ele não é o teu género, Lu.

Eu estou de orelha murcha. Tanto assim que despejo o copo inteiro de vinho gelado pela garganta abaixo e depois estremeço.

– Acho que quero ir embora – digo, ridiculamente perto de me desfazer em lágrimas.

E então eles param de se beijar, ela endireita o vestido, ele murmura-lhe qualquer coisa ao ouvido e depois vira-se e caminha direito a nós.

Percebo logo. Ele roça por nós ao passar e eu quase me rio de alívio estonteante.

– Não é ele – sussurro. – Nem sequer é muito parecido com ele.

Sarah revira os olhos e solta o ar que devia ter estado a conter.

– Caramba, ainda bem, porra. Que gajo sórdido. Sabes como estive perto de lhe passar uma rasteira agora mesmo?

Ela tem razão. O tipo que acabou de passar por nós ia todo cheio da sua arrogância, a limpar o batom vermelho da rapariga da boca com as costas da mão, com um sorriso convencido e satisfeito, a dirigir-se para a casa de banho.

Preciso de outra bebida. A busca do *Rapaz do Autocarro* dura há três meses. É melhor que o encontre depressa ou vou acabar na desintoxicação.



Mais tarde, de volta a Delancey Street, atiramos com os sapatos e afundamo-nos no sofá.

– Estive a pensar – diz Sarah, deitada na outra ponta do sofá. – Há um tipo novo lá no trabalho, acho que ias gostar dele.

– Só quero o *Rapaz do Autocarro* – suspiro, melodramática como numa série de época.

– Mas e se o encontrares e ele for um cretino? – questiona.

É óbvio que a nossa experiência no bar há bocado também a tocou num ponto vulnerável.

– Achas que devia parar de procurar? – pergunto, erguendo a minha cabeça pesada do braço do sofá para olhar para ela.

Sarah abre muito os braços e deixa-os lá.

– Estou só a dizer que precisas de um plano de contingência.

– Caso ele seja um imbecil?

Ela ergue os polegares, com toda a probabilidade porque envolve demasiado esforço erguer a cabeça.

– Ele pode ser um superidiota de primeira classe – diz. – Ou pode ter uma namorada. Ou, caramba, Lu, pode até ser casado.

Solto uma exclamação. Uma exclamação arquejante.

– Nem pensar! – respingo. – É solteiro e é lindo e anda por aí algures à espera que eu o encontre. – Sinto-o com toda a convicção de uma mulher bêbeda. – Ou talvez esteja até à minha procura.

Sarah soergue-se nos cotovelos e fita-me, com as compridas madeixas ruivas emaranhadas e o rímel de fim de noite esborratado.

– Estou só a dizer que nós, *tu*, podes ter expectativas irrealistas e que tu, *nós*, precisamos de avançar com mais cautela, é tudo.

Sei que ela tem razão. O meu coração quase parou de bater há bocado no bar.

Olhamos uma para a outra e depois ela dá-me uma palmadinha na perna.

– Encontrá-lo-emos – diz. É um gesto tão simples de solidariedade, mas, no meu estado de embriaguez, faz-me subir um nó à garganta.

– Prometes?

Ela assente, desenha uma cruz sobre o coração e um grande soluço ranhoso sai-me da garganta, porque estou cansada e podre de bêbeda e porque, às vezes, não consigo recordar muito bem o rosto do *Rapaz do Autocarro* e tenho medo de acabar por esquecer a cara dele.

Sarah senta-se e enxuga-me as lágrimas com a manga da camisa.

– Não chores, Lu – sussurra. – Vamos continuar a procurar até o encontrarmos.

Aceno com a cabeça e deito-me outra vez para trás para fitar o tecto texturado que o nosso senhorio anda a prometer pintar desde que nos mudámos para aqui há vários anos.

– Encontraremos. E ele será perfeito.

Ela emudece e depois brande o dedo apontado de forma vaga por cima da sua cabeça.

– É bom que seja. Senão gravo «cretino», aqui mesmo na testa dele. Aquiesço. A lealdade dela é apreciada e retribuída.

– Com um bisturi enferrujado – digo, embelezando a imagem macabra.

– E vai infectar e a cabeça vai cair-lhe – resmoneia ela.

Fecho os olhos, rindo-me entredentes. Até encontrar o *Rapaz do Autocarro*, a parte maior do meu afecto pertence a Sarah.